

NACIONAL

ECONOMIA INFORMAL

Participação no PIB encolhe

SABRINA LORENZI
Rio

A economia informal cresceu em número de empresas, em total de pessoas, em escolaridade, em ocupação, em relação ao trabalho formal. Mas sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) encolheu de 8% para 6% de 1997 para 2003, período analisado pelo IBGE. Receita, lucro, renda — dinheiro em geral — mingüaram nos bolsos dos pequenos empreendedores.

A receita mensal de todas as empresas informais e dos trabalhadores por conta-própria caiu 12% no período, de R\$ 20 bilhões para R\$ 17,6 bilhões. O lucro mensal dos informais recuou de R\$ 517 para R\$ 351. Ou seja, na década passada, o ganho era de mais de dois salários mínimos, passando a pouco mais de um salário-mínimo em 2003. Isso mostra que as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores informais nesta década se proliferaram.

O número de empresas lucrativas atuantes na informalidade caiu de 93% em 1997 para 73% em 2003. O lucro médio de quem trabalha por conta própria despencou de R\$ 760 para R\$ 671. Analistas atribuem a perda ao saturamento da demanda doméstica.

A pesquisa Economia Informal Urbana mostra, por outro lado, que os trabalhadores por conta-própria e pequenos empregadores não desistiram de investir. Sem crédito para recorrer e mercado para conquistar, eles precisaram tirar recursos do próprio bolso para comprar máquinas e equipamentos de trabalho.

Crédito só atinge 3,5% das empresas

Maioria dos informais vivem à margem de crédito, renda, serviços de saúde e novas tecnologias

SABRINA LORENZI
Rio

Mais de um terço da mão-de-obra das metrópoles, os trabalhadores informais vivem à margem de crédito, renda, serviços de saúde, novas tecnologias e direito de aposentadoria. Na primeira vez em que investiga as contribuições previdenciárias, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) descobriu mais de oito milhões de brasileiros que trabalham mas não integram a Previdência Social, curiosamente desconhecida por 1,2 milhão de empregados.

A pesquisa Economia Informal Urbana, divulgada ontem pelo instituto em parceria com o Sebrae, mostra que as limitações do setor para investir são muitas, a começar pelo acesso ao crédito. Cerca de 94% dos empreendimentos informais foram excluídos da fatura dos empréstimos, que cresceram embalados pelos descontos em folhas de pagamento — privilégio de quem tem carteira assinada ou aposentadoria garantida.

Num universo de 10,3 milhões de empresas informais apuradas pela pesquisa, apenas 363 mil delas (3,5%) conseguiram tomar recursos de bancos. Outros 263 mil recorreram a amigos, parentes e fornecedores. A escassez ocorre mesmo seis anos após o lançamento do mi-

crocrédito. O chefe do Departamento de Estudos Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Néri, critica o direcionamento do crédito que está sendo desenvolvido no País. “Os programas de financiamento são voltados para consumo e poucos para investimento do cidadão, e quem mais precisa parece estar de fora.”

A procura dos trabalhadores informais por crédito, entretanto, esbarra no custo do dinheiro, que já é alto para a classe média e quem dirá para este público. “São predominantemente pobres: 57% das famílias brasileiras são chefiadas por trabalhadores informais”, diz Néri. A renda dos que trabalham na informalidade e não são donos do pequeno negócio (R\$ 363 mensais) não passa da metade da média recebida pelos assalariados.

Mais que dinheiro, os pequenos agentes procuram clientela. “Vemos que o total de empresas informais cresceu 10%, apesar de estar havendo queda na renda e no número de empresas que conseguem lucrar; houve redução do bolo e mesmo assim continuam investindo, o que indica uma certa saturação do setor informal”, diz a coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, Angela Filgueiras Jorge.

Os sinais de saturação do consumo de que falam Angela e Néri se revelam no relatório de dificuldades levantadas pelo IBGE. A fraca demanda encabeça a lista de queixas, com 2,7 milhões que falam em ausência de clientes. Outros 1,8 milhões atribuem as dificuldades à falta de financiamento, mas 360 mil citam o acesso restrito ao crédito

EMPRESAS NO SETOR INFORMAL

94%, não utilizou crédito nos três meses anteriores à pesquisa.

Entre aquelas que o fizeram, para 58% a principal fonte foi bancos.

Já 16% recorreram ao próprio fornecedor

e outros 16%, a amigos e parentes.

Fonte: IBGE

como falho. “Com juros tão elevados, eles preferem capital próprio”, completa. Cerca de 4,8 milhões de trabalhadores informais reclamam da demanda, o que deve ser atacado com políticas públicas, segundo Néri. Organizar pequenas unidades em cooperativas exportadoras, por exemplo, seria uma saída.

Cerca de 96% dos informais declaram não ter recebido qualquer tipo de assistência técnica, jurídica ou financeira nos últimos cinco anos. Também não tinham acesso a serviços de informática 88% dos entrevistados, dos quais 77% não achavam necessário. Apenas 10% dos trabalhadores informais têm plano de saúde, 9% possuem seguro de vida e somente 2% adquiriram seguro de imóvel. Cerca 89% dos informais não se filiam a sindicatos nem quaisquer outros órgãos de classe. Mais da metade das empresas investigadas não apresenta nenhum registro.

No caso dos conta-própria — sem empregados — o percentual dispara para 93%. O presidente do IBGE, Eduardo Nunes, explica que a pesquisa classificou como informal praticamente pequenos empreendimentos — com até cinco funcionários — caracterizados pela falta de gestão empresarial. O critério é o mesmo classificado pela Organização Internacional do Trabalho. “São profissionais que misturam finanças da empresa com despesas pessoais: o taxista que, no fim do dia, pega o dinheiro da corrida e dá para esposa fazer compras, por exemplo.”

CRESCIMENTO ACELERADO

O trabalho informal cresce num ritmo duas vezes maior que o emprego formal, a considerar estudos realizados entre 1997 e 2003. Aumentou 4% a população ocupada que não consta do universo da pesquisa. São 54,5 milhões de trabalhadores a mais com emprego formal. Já o total de trabalhadores informais, que são 13,9 milhões cresceu 8% no mesmo período. A participação dos trabalhadores informais no total da ocupação subiu de 24,45% em 1997 para 25,58% em 2003. Entre os motivos que empurram os brasileiros para o mercado informal, a falta de emprego formal, com carteira assinada. Esta é a razão para 31% dos empregadores e trabalhadores por conta-própria entrevistados. Em 1997, a fatia dos que entravam na informalidade por falta de opção somava 25%. O IBGE constatou que 98,2% das pequenas empresas não agrícolas com até cinco empregados pertenciam ao setor informal.

JUSTIÇA

Opportunity terá de se explicar

O Superior Tribunal de Justiça determinou prazo de cinco dias para o Opportunity explicar a realização de assembléia de acionistas de empresa da cadeia de controle da Brasil Telecom na última quarta-feira, supostamente em desacordo com decisão judicial. O grupo de Daniel Dantas realizou reunião amparado em liminar do TRF que o trazia de volta à gestão do fundo Investidores Institucionais, apesar de o STJ ter suspenso seus efeitos.

O presidente do STJ, ministro Edison Vidigal, também suspendeu os efeitos da assembléia, realizada sem participação dos Investidores Institucionais (fundos de pensão). O Opportunity foi afastado da gestão em 2003, pelos próprios fundos, que alegavam prejuízos com as decisões de Dantas. Para deter controle acionário mesmo sem a maioria das ações, Dantas criou um emaranhado societário e se valeu de acordo guarda-chuva que tirava poderes dos fundos e dos investidores estrangeiros representados pelo Citigroup.

Um dia após assembléia que daria início ao novo desenho do controle acionário da Brasil Telecom, Opportunity e fundos se encontraram para definir o novo comando da Telemig Celular. Investidores e representantes do Citigroup participaram da reunião, na sede do Opportunity. A pauta, que previa a escolha de novos integrantes do conselho de administração da operadora, foi integralmente seguida, resultando no afastamento de três pessoas ligadas a Dantas, que foram substituídas por representantes dos controladores. (Samantha Lima)